

Imagem da seca “congela” Nordeste em peça teatral

Por Ivana Moura¹

A trajetória de Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), conhecido como Gonzagão ou Luiz “Lua” Gonzaga, é apontada como uma das mais fascinantes da música brasileira. Em nome desse encantamento foram produzidos filmes, peças de teatro, livros etc. Nascido em Exu, no interior de Pernambuco, numa comunidade pobre que sofria (ou sofre) com as desigualdades do capitalismo e tudo que isso acarreta: insuficiências na educação, falta de saneamento básico, dificuldade de assistência à saúde, pouca oferta de bens culturais, escassez de empregos, rara mobilidade social. Tudo isso sustentado por oligarquias, com seus coronéis que mandavam e desmandavam, da política à vida privada.

Mas a arte dá uns dribles no destino e vez por outra brota um artista excepcional nessas condições precárias. O cantor e compositor foi responsável pela valorização dos ritmos como baião, xaxado, xote e forró.

Com sua sanfona ele exaltou o sertão da região Nordeste, cantou as injustiças, falou da pobreza, das tristezas e das alegrias de seu povo. Essa narrativa é repetida Ad infinitum.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie chama a atenção que tomar toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e reduzir tudo a um aspecto singular é o perigo da história única.

¹ Jornalista, crítica de teatro, escritora, artista e produtora cultural. Idealizadora e editora do Satisfeita, Yolanda? (www.satisfeitayolanda.com.br), site de crítica teatral e áreas afins, que funciona desde 2011. Mestra em Letras / Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (2005). Doutoranda em Artes Cênicas na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – USP.

É dessa perspectiva – do perigo – que analiso o espetáculo *Sertania Nordestina – As léguas tiranas de Luiz “Lua” Gonzaga*, liderado por Claudio do Vale, artista de São José dos Campos, no Vale do Paraíba.

Claudio narra na peça que quando encontrou uma caixa que pertencera ao seu pai, contendo uma fita com músicas gravadas por Luiz Gonzaga, ficou instigado a fazer uma dupla homenagem, ao próprio pai e ao músico pernambucano.

Assim fez.

Sertania Nordestina estreou em agosto de 1999, no décimo aniversário de morte de Gonzagão. Inicialmente, adotava o formato de declamação e o que foi sendo (pouco) modificado ao longo dos anos.

O espetáculo foi apresentado no Teatro Municipal de São José dos Campos, na noite de 6 de setembro, dentro da programação do Festivale.

A imagem de uma região como o Nordeste, formada por nove estados, com diferenças climática, geográfica e cultural consideráveis não pode ser reduzida a uma imagem de seca, terra rachada e carcaça de cabeça de boi. É muito pouco. Mas isso acontece muitas vezes. Ainda hoje. No cinema, na TV e no teatro.

Entre maio e junho de 2021, o Itaú Cultural realizou a mostra *Encruzilhada Nordeste(s): (contra)narrativas poéticas*, com trabalhos cênicos online que cercavam de maneira crítica as construções estereotipadas da região. As discussões continuam reverberando, explodindo e implodindo as imagens estandardizadas da região.

Em uma cena de *Estudo N°1 Morte e Vida*, décima primeira montagem do Grupo Magiluth a partir da obra do poeta João Cabral de Melo Neto, o ator Bruno Parmera procura no Google uma imagem que corresponda ao nordestino que ele é, que se sinta representado. Ele não encontra. Próxima a uma "peça palestra", *Estudo N°1* – que foi apresentada no primeiro dia do Festivale – fala de fluxos migratórios e outras adversidades contemporâneas.

O evento do Itaú e a encenação do Magilith nos colocam diante das “urgências sobressaltadas”, que precisamos encarar de frente e desconstruir. Trabalho ético e estético para pensar as diferenças.

Claudio defende *Sertania Nordestina* como teatro popular brasileiro. No palco, o ator percorre os momentos e/ou passa as informações do encontro e casamento dos pais de Gonzagão - Ana Batista de Jesus e Januário José dos Santos, o mestre Januário, “sanfoneiro de 8 baixos”, o nascimento em Exu, o exército, a ida para o Rio de Janeiro, o primeiro trabalho na Rádio Nacional como cantor, o sucesso e o fim da vida.

Na sua contação-repente-cantoria, o ator-cantor Cláudio Vale utiliza um chapéu de couro na cabeça e/ou nas mãos para ressaltar Gonzagão enquanto mito do Nordeste, como Lampião.

Existem fragilidades dramáticas nas escolhas que reforçam uma cultura chapada, cimentada. Sendo a região é rica e cheia de contrastes.

Para além desses dados, a escalação. Além do ator, cantor e bailarino Cláudio do Vale, participam da peça os músicos Denilson de Paula – zabumbeiro e percussionista, Gileno Borges – trianguleiro e o Eliomar Landim, na sanfona que dá um show. Eles formam um trio de forró. Mas Cláudio não promove uma interação do quarteto na cena. Os músicos ficam sentados, tocando enquanto o ator se desloca no espaço, faz cenas de plateia ou convida alguém do público para dançar no palco.

Não estou dizendo que eles não são bons. Os artistas são talentosos sim. Mas é preciso articulação interna, escolhas, que aqui vou chamar dramaturgia. E para ganhar potência, ter um olhar crítico por dentro e para fora. Ou seja, que haja autocrítica a partir do objeto eleito e reflexão da realidade.

A forma laudatória que o Luiz Gonzaga é apresentado em *Sertania Nordestina* como representante de uma identidade regional parece-me um problema. A recepção da peça em São José se manifesta na linha da aclamação. Sei bem que existem

pesquisadores que ainda hoje saúdam as canções do músico como marca legítima que “conserva” as raízes culturais e folclóricas nordestinas.

Mas no mundo existem muitas perspectivas – para além de adotar o que “conserva” –, que mergulha noutros fluxos de balançar certezas, que interrogam, analisam vários aspectos do objeto.

Destaco as mais questionadoras, que percebem que as canções de Gonzaga ajudaram na padronização de uma identidade ligada ao flagelo da seca, ao nordestino cativo e dependente economicamente do Governo, inábil para entender – e participar - das lutas operadas dentro do sistema.

É verdade que o trabalho artístico de Gonzaga conquistou o povo trabalhador. Mas não podemos ignorar as contradições do sanfoneiro, que estabeleceu em alguns momentos de sua vida relações estreitas com o poder que oprimia a população mais pobre e se confraternizou com os algozes das figuras cantadas nas suas músicas.

Levar à cena essas contradições do artista eleito para homenagem iria enriquecer a peça. Tensionar os tempos do passado e presente, dos papéis e adotar um lente mais crítica poderia acionar outras dinâmicas.

Minha intenção não é agredir, mas fazer uma reflexão crítica mais distanciada, não impregnada pela afetação de deferências. Acenar com um movimento de diálogo possível com a obra, quem sabe como seus criadores. Muitas coisas para dizer, e para ouvir, que transbordam desse texto.

Desejo vivamente que o corpo mamulengueiro de Claudio do Vale mergulhe em outros projetos, ouse, faça intercâmbios com outros artistas, arrisque e não pare de criar.